

A Sessão em Endor: Samuel Realmente Voltou dos Mortos ou Era um Demônio? (1 Sm. 28; Dt. 18)

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Teologia e Pregações | Data: 07/12/2025 01:12

A Decadência do Reinado de Saul e o Silêncio Divino

A narrativa bíblica registrada em 1 Samuel 28 apresenta um dos momentos mais sombrios e complexos da história da monarquia de Israel: o fim trágico do reinado de Saul. Para compreender a gravidade dos eventos que ocorreram em Endor, é fundamental analisar o contexto histórico e espiritual que precedeu a decisão do rei de consultar uma médium. A situação de Saul não era apenas de desvantagem militar, mas de completo abandono espiritual.

O cenário descrito nas Escrituras coloca os exércitos filisteus acampados em Suném, enquanto Saul e as tropas de Israel se posicionam em Gilboa. A geografia aqui é relevante: Suném ficava ao norte do Vale de Jezreel, e Gilboa ao sul. Essa disposição colocava os filisteus em uma posição estratégica vantajosa, cortando o reino ao meio. Ao observar o acampamento inimigo, a reação de Saul não foi a de um comandante confiante, mas a de um homem consumido pelo pavor.

"Vendo Saul o arraial dos filisteus, temeu, e estremeceu muito o seu coração." (1 Samuel 28:5)

O medo de Saul era exacerbado por duas ausências cruciais. A primeira era a morte de Samuel, o profeta que servia como sua bússola moral e espiritual, e que também representava a autoridade de Deus sobre o reino. A segunda ausência era a de Davi, o maior guerreiro de Israel, que, perseguido pelo próprio Saul, estava exilado e, ironicamente, aliado momentaneamente aos filisteus (embora não participasse daquela batalha específica). Sem seu mentor e sem seu campeão, Saul estava isolado.

O Silêncio dos Céus

Diante do iminente conflito, Saul buscou a orientação divina. No entanto, o texto bíblico relata um silêncio absoluto por parte de Deus. As vias ordinárias de revelação divina no Antigo Testamento estavam fechadas para ele.

"E perguntou Saul ao Senhor, porém o Senhor não lhe respondeu, nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas." (1 Samuel 28:6)

Este silêncio não foi acidental, mas judicial. Deus havia se apartado de Saul devido a uma sucessão de desobediências deliberadas que marcaram o seu reinado. O "Urim", parte do peitoral do sumo sacerdote usado para discernir a vontade de Deus, não oferecia resposta — o que é coerente, visto que Saul havia ordenado o massacre dos sacerdotes em Nob (1 Samuel 22), restando apenas Abiatar, que fugira para junto de Davi levando consigo a estola sacerdotal.

A falta de resposta divina forçou Saul a confrontar as consequências de seus atos passados, especificamente dois eventos que selaram o seu destino:

- 1. A Usurpação Sacerdotal (1 Samuel 13):** No início de seu reinado, impaciente com a demora de Samuel e temendo a dispersão do povo, Saul tomou para si a função sacerdotal e

ofereceu o sacrifício, algo estritamente proibido pela Lei Mosaica para um rei da tribo de Benjamim.

2. **A Desobediência contra Amaleque (1 Samuel 15):** A ordem divina era clara quanto à destruição total dos amalequitas. Saul, contudo, poupou o rei Agague e o melhor do gado, justificando-se com a intenção de sacrificar ao Senhor. Foi neste momento que Samuel proferiu a sentença final: "*Visto que rejeitaste a palavra do Senhor, ele também te rejeitou a ti, para que não sejas rei.*"

A Hipocrisia Real

Um aspecto notável deste cenário é a contradição nas ações de Saul. O texto informa que, anteriormente, Saul havia desterrado os médiuns e adivinhos de Israel, cumprindo a lei de Moisés que proibia tais práticas.

"Não vos virareis para os adivinhadores e encantadores; não os busqueis, contaminando-vos com eles. Eu sou o Senhor vosso Deus." (Levítico 19:31)

Ao expulsar os necromantes, Saul agiu externamente em conformidade com a ortodoxia religiosa. No entanto, sua motivação interna parecia desconectada de uma verdadeira piedade, visto que, no momento de crise máxima, ele prontamente abandonou a lei que jurara defender. O silêncio de Deus levou Saul ao desespero, e o desespero o levou a cruzar a linha final da apostasia: buscar no ocultismo a resposta que o Céu lhe negara.

Assim, a decisão de ir a Endor não surge no vácuo. Ela é o clímax de uma vida marcada pela autossuficiência, pela rejeição da autoridade profética e pela incapacidade de se arrepender genuinamente. Saul, o rei que começou ungido pelo Espírito, termina seus dias buscando a voz dos mortos porque matou sua comunhão com o Deus vivo.

A Jornada a Endor: O Desespero que Cruza Linhas Inimigas

A decisão de Saul de consultar uma médium desencadeou uma das operações mais arriscadas e irônicas de sua vida. O texto bíblico não apenas narra uma transgressão espiritual, mas descreve uma movimentação tática impulsionada pelo puro pavor. A geografia do conflito, muitas vezes negligenciada na leitura superficial, revela a profundidade do desespero do rei.

O Risco Geográfico e Militar

Para compreender a loucura da jornada de Saul, é preciso visualizar o campo de batalha. O exército de Saul estava acampado no Monte Gilboa, ao sul. Os filisteus ocupavam Suném, ao norte. A cidade de Endor, onde residia a médium, ficava localizada ainda mais ao norte, atrás das linhas inimigas.

Isso significava que, para chegar a Endor, Saul e seus dois acompanhantes precisavam contornar o acampamento filisteu ou passar perigosamente perto dele. Não era apenas uma viagem espiritual proibida; era uma missão suicida. O rei de Israel expôs sua própria vida e a estabilidade do comando militar na véspera da batalha para buscar uma resposta que Deus já havia negado. A viagem foi realizada à noite, sob o manto da escuridão, simbolizando tanto a necessidade de furtividade militar quanto a condição espiritual tenebrosa em que Saul se encontrava.

O Disfarce e a Hipocrisia

Saul, que outrora fora alto e distinto entre o povo, agora se via obrigado a esconder sua identidade. O texto diz que ele "*disfarçou-se, vestiu outras roupas*" (1 Samuel 28:8). Este ato carrega um simbolismo profundo: o rei despiu-se de sua dignidade real para assumir a postura de um

transgressor anônimo.

Ao chegar à casa da mulher em Endor, a tensão é imediata. A médium, cautelosa, relembra ao estranho visitante o decreto real que banuiu a necromancia da terra. A resposta de Saul é o ápice da contradição espiritual:

"Então Saul lhe jurou pelo Senhor, dizendo: Vive o Senhor, que nenhum mal te sobrevirá por isso."
(1 Samuel 28:10)

Neste momento, Saul utiliza o nome sagrado de Yahweh ("O Senhor") para sancionar uma atividade que o próprio Yahweh abomina e proíbe sob pena de morte (Deuteronômio 18:10-12). Ele jura pelo Deus da Lei para proteger a quebra da Lei. Essa dissonância cognitiva demonstra que Saul já não possuía qualquer bússola moral; ele estava disposto a usar a autoridade de Deus como uma ferramenta conveniente para alcançar seus fins ilícitos.

A Escolha da Médium

A mulher é descrita no texto original como *ba'alat-ov*, que pode ser traduzido como "dona de um talismã" ou "senhora de um espírito". O termo *ov* refere-se frequentemente a um odre ou pele de animal, sugerindo a prática de ventriloquia ou rituais onde a voz do suposto espírito parecia emanar do chão ou de um objeto.

É relevante notar que Saul pediu especificamente: "*Adivinha-me, peço-te, pelo espírito de feiticeira, e faze-me subir a quem eu te disser*" (1 Samuel 28:8). O rei sabia exatamente o que estava pedindo. Ele não buscava arrependimento ou graça; ele buscava controle. Diante do silêncio de Deus, Saul tentou forçar a porta do sobrenatural pelos fundos, utilizando uma prática pagã cananeia para tentar acessar um profeta do Deus de Israel.

A ironia final desta etapa da narrativa é que Saul, o ungido do Senhor, encontra-se agora dependente da misericórdia e das habilidades de uma mulher proscrita, em território inimigo, na escuridão da noite, implorando para falar com o homem que, em vida, foi a voz constante de sua condenação.

A Aparição de Samuel: Evidências Textuais Contra a Tese Demoníaca

Um dos debates mais calorosos da teologia do Antigo Testamento gira em torno da identidade da figura que apareceu em Endor. Teria a médium invocado um demônio que se fez passar por Samuel, ou teria Deus permitido, de forma extraordinária, que o profeta retornasse do *Sheol* (a morada dos mortos) para entregar uma última sentença?

Embora a interpretação de que se tratava de um demônio seja popular em alguns círculos para evitar validar a necromancia, uma análise exegética rigorosa do texto de 1 Samuel 28 aponta fortemente para a realidade da aparição de Samuel. Não por poder da médium, mas por uma intervenção soberana de Deus. Abaixo, listamos as evidências textuais que sustentam essa conclusão.

1. O Pavor da Médium

A reação da feiticeira é a primeira pista de que algo fugiu ao roteiro habitual de suas sessões. O texto descreve que, ao ver Samuel, a mulher "*gritou com grande voz*" (1 Samuel 28:12).

Se ela estivesse acostumada a manipular espíritos familiares ou a usar truques de ventriloquia, a

aparição não a teria aterrorizado. O grito de pavor indica que ela se deparou com uma realidade sobrenatural que não convocou e que não podia controlar. Ela esperava uma fraude ou um espírito familiar, mas recebeu um profeta de Deus. Foi nesse momento de choque que ela teve a revelação sobrenatural da identidade de seu cliente: "*Por que me enganaste? Pois tu és Saul.*"

2. A Descrição Visual e o "Elohim"

Quando Saul pergunta o que ela vê, a mulher responde: "*Vejo deuses [Elohim] que sobem da terra*" (1 Samuel 28:13). A palavra hebraica *Elohim* é plural, mas muitas vezes usada para denotar um ser de grande majestade ou autoridade, não necessariamente uma divindade pagã neste contexto, mas um ser do mundo espiritual.

Saul pede detalhes físicos, e a descrição é específica: "*Um ancião vem subindo, e está envolto numa capa*" (1 Samuel 28:14). A palavra para "capa" ou "manto" aqui é *me'il*. Este detalhe é crucial. O *me'il* era a vestimenta característica de Samuel em vida. Mais importante ainda, foi este mesmo manto que Saul agarrou e rasgou em 1 Samuel 15, simbolizando o rasgar do reino de Israel das mãos de Saul. Ao reconhecer o manto, Saul entende imediatamente com quem está lidando e se prostra.

3. A Narrativa Bíblica Valida a Identidade

O argumento mais forte encontra-se na própria narração inspirada. O autor sagrado não usa termos como "o espírito", "a aparição" ou "o demônio". O texto afirma categoricamente:

"E Samuel disse a Saul..." (1 Samuel 28:15)

Se fosse uma impostura demoníaca, a Escritura — que é inerrante — provavelmente utilizaria uma linguagem que denotasse engano, como "o espírito que parecia Samuel". Ao nomear o sujeito como Samuel, o narrador bíblico valida a identidade daquele que falava.

4. A Veracidade e Consistência da Profecia

A mensagem entregue pela aparição é teologicamente consistente e profeticamente infalível. Um demônio, sendo o "pai da mentira" (João 8:44), dificilmente pregaria um sermão de arrependimento e juízo baseado na Aliança Mosaica com 100% de precisão.

O discurso de Samuel contém três pontos que apenas um profeta de Yahweh poderia articular com autoridade:

1. **Confirmação do Juízo Passado:** Reitera que Deus rasgou o reino de Saul por causa da desobediência em relação a Amaleque (cumprindo a profecia de 1 Sm 15).
2. **A Entrega a Davi:** Confirma que o reino foi dado ao seu "próximo", Davi.
3. **Profecia Futura Imediata:** Prediz a derrota de Israel para os filisteus e a morte de Saul e seus filhos no dia seguinte.

"Amanhã tu e teus filhos estareis comigo." (1 Samuel 28:19)

A expressão "estareis comigo" refere-se ao *Sheol*, o lugar dos mortos para onde iam todos no Antigo Testamento, justos e injustos (embora em condições diferentes). A profecia cumpriu-se literalmente. Satanás não possui onisciência para determinar o dia exato da morte de uma pessoa, a menos que Deus o revele. A precisão cirúrgica da profecia atesta que a fonte era o próprio Deus, falando

através de Seu servo Samuel.

Portanto, o texto nos leva a crer que Samuel realmente apareceu, não porque a médium tivesse poder sobre ele, mas porque Deus, em Sua soberania, interrompeu a sessão proibida para entregar o veredito final ao rei desobediente.

Soberania Divina vs. Necromancia: Entendendo o Sobrenatural na Bíblia

A conclusão de que foi realmente o profeta Samuel quem apareceu em Endor levanta uma questão teológica imediata e inquietante: se a Bíblia proíbe a consulta aos mortos, como Deus poderia permitir tal acontecimento? Para responder a isso, é crucial distinguir entre a prática proibida da necromancia e a soberania absoluta de Deus sobre a vida e a morte.

A Realidade da Proibição

A Lei Mosaica condena a consulta aos mortos não porque seja uma fraude ineficaz, mas porque envolve contato com realidades espirituais perigosas e constitui uma infidelidade a Deus. Ao buscar "os que chilreiam e murmuram" (Isaías 8:19), o indivíduo declara que a revelação de Deus nas Escrituras é insuficiente.

No caso de Endor, a narrativa sugere que a médium não teve sucesso por mérito de seus rituais. Deus interveio *antes* ou *apesar* da técnica dela. Ela foi o canal involuntário de um milagre divino destinado a julgar o rei, e não a operadora de um serviço espiritual bem-sucedido. Deus usou a ocasião do pecado de Saul para proferir sua sentença final, transformando uma sessão espírita em um tribunal divino.

O Paralelo da Transfiguração

A ideia de justos do Antigo Testamento aparecendo após a morte não é exclusiva deste episódio. No Novo Testamento, encontramos um evento que lança luz sobre a capacidade de Deus de trazer os mortos à cena humana: a Transfiguração.

No Monte da Transfiguração (Mateus 17), Moisés e Elias aparecem conversando com Jesus. Moisés, cujo corpo foi sepultado pelo próprio Deus, e Elias, que foi arrebatado, retornam em glória. A diferença crucial entre a Transfiguração e a sessão em Endor reside na **iniciativa**.

- Na Transfiguração, a iniciativa é puramente divina e gloriosa, visando exaltar o Filho de Deus.
- Em Endor, a iniciativa foi humana e rebelde, mas foi "sequestrada" por Deus para confirmar o juízo.

Ambos os eventos provam que os mortos não deixam de existir, mas estão sob a guarda de Deus. Eles só podem "voltar" ou se comunicar se o Senhor dos Espíritos assim o determinar, e nunca sob o comando de um médium humano.

O Veredito Final sobre Saul

A aventura de Saul em Endor não lhe trouxe alívio, nem alterou seu destino. Pelo contrário, precipitou o seu fim. O livro de 1 Crônicas oferece o comentário teológico definitivo sobre este episódio:

"Assim morreu Saul por causa da transgressão que cometeu contra o Senhor, por causa da palavra do Senhor, a qual não havia guardado; e também porque buscou a adivinhadora para a consultar, e não buscou ao Senhor; pelo que ele o matou, e transferiu o reino a Davi, filho de Jessé." (1 Crônicas 10:13-14)

A ironia trágica é completa: Saul foi buscar vida e esperança na escuridão de Endor, mas encontrou apenas a confirmação de sua morte. A narrativa serve como um aviso perene de que o silêncio de Deus deve ser respondido com arrependimento e busca pela Sua Palavra, e nunca com a tentativa de arrombar as portas do mundo espiritual por meios ilegítimos.

Samuel voltou, de fato, mas voltou para dizer que o tempo de Saul havia acabado.

Dois Dedos de Teologia. **SAMUEL VOLTOU DOS MORTOS? ERA DEMÔNIO?**
<https://www.youtube.com/watch?v=nYhwaV4q9ol>

Documento gerado em 20/04/2026 03:45:27 via BeHOLD

BeHOLD